

Evento

4º Encontro Nacional de Centros Novas Oportunidades – Guimarães (30 Nov. 2010)

O Encontro foi estrutura do em torno de três temas fundamentais: a) resultados obtidos no Segundo Ciclo de Avaliação Externa da INO; b) exemplos de boas práticas de trabalho em rede promovidos por CNO; c) linhas de trabalho para o Segundo Ciclo da INO.

1. Sinais e intuições para o futuro: resultados do segundo ciclo da avaliação externa e projecções para o trabalho a desenvolver

Depois da sessão de abertura na qual estiverem presentes o Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, a Ministra da Educação e o Secretário de Estado Valter Lemos, a sessão da manhã foi ocupada pela equipa da Universidade Católica e por um comentador (Luís Rodhes, da ESE do Instituto Politécnico do Minho).

No que respeita à divulgação dos dados da avaliação externa, não houve informação significativa relevante em relação à já divulgada publicamente e que foi difundida já em equipa em Outubro. Mais significativo é o facto de os vários intervenientes da Universidade Católica (ao todo 4) terem construído as suas apresentações numa lógica que os resultados da avaliação externa se consubstanciam em sinais para o futuro.

O mote nuclear das quatro intervenções foi a inovação, a inovação para combater a crise e o papel dos CNO nessa inovação e a possibilidade de os mesmos virem a criar um novo “cabo da boa esperança”.

Roberto Carneiro, coordenador da equipa da avaliação externa, partiu da tese de David Landes (*A pobreza e a riqueza das nações*) de que, numa determinada época histórica, as nações dominantes são as que dominam a produção de conhecimentos. Segundo Roberto Carneiro, o autor explora detalhadamente o caso português na época dos Descobrimentos, mostrando que aquilo que tornou, à época, Portugal num país pioneiro foi a capacidade de aprender com a experiência e com a experimentação (navegar com uma hipótese e corrigir o saber anterior com base nas novas descobertas), a abertura à aprendizagem, à inovação e ao saber (trazer para Portugal os grandes cientistas e sábios da época nos assuntos de relevo) e a astúcia e a capacidade de liderança do rei.

Analogamente, também nos encontramos num período de crise em que é necessário ruptura e inovação. Neste contexto, a INO pode ser hoje um “cabo da boa esperança”, uma HUB¹ de INOVAção, capaz de mobilizar os portugueses face ao futuro.

Como?

Antes de mais, capitalizar o que a INO, como marca pública e popular, tem de mais positivo e que está amplamente sustentado pelas evidências sólidas da avaliação externa e que a tornam, em múltiplos sentidos, uma marca inovadora.

¹ HUB, do inglês transmitir. Um HUB é um dispositivo de conexão em máquinas em rede que permite a transmissão para vários receptores em simultâneo.

A - INOVAÇÃO social

O processo de auto-avaliação dos CNO, através da implementação do CAF-CNO, por comparação com o processo de auto-avaliação de escolas públicas e privadas e centenas de organismos públicos europeus com um sistema de auto-avaliação similar, mostra que os CNO são o primeiro serviço público que se organiza numa lógica de cliente e não numa lógica de utente, ou seja, cada CNO sente o adulto como um seu próprio, o que pode ser a razão explicativa dos elevados níveis de satisfação com esta marca pública e que pode tornar os CNO num exemplo e numa incubadora de um novo modelo de governação: uma governação aberta dos serviços de base comunitária.

Por outro lado, o segundo ciclo da avaliação externa da INO, mostra que há acentuados ganhos do desenvolvimento das *soft skills* dos portugueses e novas dinâmicas familiares. Os indivíduos, mesmo os que fazem processo RVCC, preferência dominante dos clientes da INO pela acessibilidade dos processos, desenvolvem a capacidade de negociação, de comunicação, de trabalhar em grupo e em equipa, e de agir em função de valores, capacidades que são hoje essenciais para o mercado de trabalho. Ainda que de forma menos visível e a confirmar pela aplicação dos próximos testes PIAAC², os estudos também mostram ganhos nas *hard skills*, ler, escrever e competências numéricas.

Por fim, um ganho interessante tem a ver com as dinâmicas familiares. Os estudos mostram que o principal factor de motivação para o ingresso num percurso formativo tem a ver com a dinâmica do casal, pois quando um membro do casal adquire uma habilitação académica mais elevada, em particular a mulher, o outro membro, sobretudo o marido, também adere à INO.

B – INOVAÇÃO cultural

Aquisição significativa de e-competências, tendo o patamar dos utilizadores regulares das TIC aumentado dos 32 para os 60%.

C – INOVAÇÃO pedagógica

A INO, sobretudo no eixo adultos, introduziu uma ruptura total com o paradigma de educação e formação de adultos do passado, cujas modalidades, na maior parte dos casos, não tiveram condições de aplicação. Para além das condições políticas e económicas que a sustentaram, a capacidade de se alargar em massa da INO resulta, em grande parte, de alguns factores chave altamente inovadores que fazem da INO uma experiência que está a ser internacionalmente analisada com atenção. Em primeiro lugar o uso dos RVCC como meios de certificação. Na maior parte dos sistemas onde se aplica o RVCC este é apenas utilizado como um aferidor de competências antes de um processo de certificação formal. Em segundo lugar, a importância das aprendizagens não formais, as quais, para uma valorização plena, não se podem definir pela negativa face às formais. Em terceiro lugar, a acessibilidade e a flexibilidade dos percursos formativos, melhor ajustados às

² Os testes PIAAC (Programa Internacional para a Análise das Competências dos Adultos) visam medir “a capacidade de utilizar informação escrita e impressa para responder às necessidades da vida em sociedade, para alcançar objectivos pessoais e para desenvolver os conhecimentos e os potenciais próprios”. Os primeiros estudos realizados em Portugal, coordenado por Ana Benavente, colocaram Portugal, em 1998, com o segundo país, em 22, com os piores resultados, isto é, com mais adultos no nível 1, o nível mais baixo numa escala de 5. Em http://www.crcvirtual.org/upload/imgs/Patr%C3%ADcia%20%C3%81vila_Encontro%20Nacional%20CRC.pdf encontram mais informação, nomeadamente sobre a aplicação em curso do PIAAC, cujos resultados se tornarão públicos em 2013. Portugal, através da Agência Nacional para a Qualificação, também está a fazer parte deste novo ciclo de estudo, o qual irá avaliar, para além de competências da leitura e da escrita e competências numéricas, competências em contextos tecnologicamente enriquecidos.

difíceis circunstâncias económicas e profissionais de um número muito significativo de indivíduos. Por fim, mas mais importante, a criação de um processo educativo inclusivo e que visa a coesão sociais.

D – INOVAÇÃO económica

No que concerne a este aspecto, colocaram-se duas questões:

Até que ponto os ganhos pessoais adquiridos pelos adultos da INO se podem transformar em ganhos sociais e económicos? Até que ponto são transferíveis?

Como tornar visível, junto dos empregadores, que as novas aquisições dos indivíduos em *soft e hard skills* os torna mais úteis e mais adaptáveis para o mercado de trabalho.

Os dados da avaliação externa revelam que um número significativo de adultos considera que a sua passagem pela INO se traduziu em ganhos profissionais.

Segundo as intervenções, realizadas na sessão da tarde, de representantes do mundo empresarial (PT, ANJE e SONAE), a formação é fundamental para o negócio.

2. Boas práticas: REDES de cooperação promovidas pelos CNO

Foram apresentados apenas dois exemplos de boas práticas, uma vez que a equipa representante do Centro, o CNO da NERGA (Núcleo Empresarial da Região da Guarda) ficou retido pela neve.

A) Rede de CNO do Algarve

Trata-se ainda de uma rede de trabalho em início de implementação e foi apresentada pelo coordenador do CNO da ES de Silves.

Congrega os 20 CNO a região do Algarve (11 de escolas, 3 do IEFP e 6 de outras entidades) e formou-se inicialmente para organizar e divulgar a oferta formativa disponível, adequando melhor oferta e procura. As reuniões, parcelares e gerais, criam uma rede de trabalho sectorial, TDE, profissionais de RVCC, formadores e coordenadores. No que respeita aos coordenadores, é significativo destacar que os mesmos desenvolvem estratégias numa lógica de complementaridade, nomeadamente ao nível da captação de inscritos, divulgação e implementação do trabalho dos CNO, intervenção junto do tecido empresarial, gestão de recursos humanos e financeiros, necessidades formativas da equipa e reflexão e definição de estratégias para melhorar o desempenho dos CNO.

B) Rede REAJ (Rede de Educação de Adultos e Jovens)

O projecto, já com dois anos de implementação, foi apresentado pelo coordenador do CNO da TecMinho.

Pressupostos do projecto:

- criar condições para o desenvolvimento integral dos indivíduos, criando projectos de qualificação inseridos no projectos de vida, articulando educação formal com educação não formal e formando cidadãos;
- articular diferentes agentes numa lógica de complementaridade (CNO, autarquias, escolas, entidades empregadoras, IEFP e estruturas de investigação);
- inserir a formação de adultos nos seus contextos de vida.

Objectivos:

- promover e regular a procura e a oferta de EFA;

- melhorar a qualidade da intervenção dos elementos da rede;
- contribuir para a mobilização e inclusão;
- promover uma progressiva articulação entre a oferta formativa e educativa e as necessidades sócio-educativas locais;
- contribuir para uma reflexão profunda sobre a educação e formação de adultos no sentido de apoiar a definição de políticas educativas (reparem bem na ambição e proactividade deste objectivo, mas também na consciência de cidadania que encerra!!!).

Parceiros:

- 34 parceiros, formalmente articulados num protocolo de cooperação, formalmente assinado entre todos;
- 9 CNO, 12 agrupamentos de escolas, 5 escolas secundárias, 1 escola privada, 4 escolas profissionais, a Câmara Municipal de Braga, a DREN e a delegação regional do IEFP.

Comissão de acompanhamento

Há uma comissão, constituída por 9 elementos eleitos entre os seus pares e oriundos de cada tipo de parceiro, que gere a REAJ.

Tem por funções: - convocar reuniões entre os parceiros, dinamizar e aprofundar os eixos de actuação protocolados; analisar os aspectos relativos ao funcionamento da REAJ.

Para poderem perceber a extensão da qualidade do trabalho realizado, têm de explorar a plataforma que concretiza a articulação: <http://cno.bragadigital.pt/>. Destaco a plataforma de partilha / divulgação das ofertas formativas.

3. Segundo ciclo da INO: 2011-2015

Realizada pelo presidente da ANQ, IP, Luís Capucha, a apresentação do Segundo Ciclo da INO foi feita sob os seguintes motes: para nos mantermos no topo não podemos continuar a fazer o mesmo; foram criadas novas necessidades, nós, com a INO, mudámos a realidade, logo também temos de mudar para acompanhar uma nova realidade.

3.1. Finalidades do novo ciclo

- prosseguir a convergência com os padrões europeus para que em 2010 Portugal esteja emparelhado ou acima da média europeia;
- promover o acesso a todos os jovens e adultos a processos de formação e qualificação;
- criar uma sociedade de aprendizagem ao longo e em todos os contextos de vida dos cidadãos.

3.2. Objectivos estratégicos

- dar resposta à actual procura de qualificações
- alargar a oferta das vias qualificantes para jovens
- desenvolver novos e mais flexíveis pontos de acesso para a educação ao longo da vida
- **contribuir para a modernização do tecido económico.**

3.3. Metas

Meta geral: aumentar em 2,5 anos a escolaridade média dos portugueses.

Metas eixo jovens:

- aumentar para 95 a percentagem de jovens com 18 anos com a escolaridade obrigatória;
- aumentar em 20 mil o número de alunos em cursos profissionais de nível secundário;
- aumentar em 10 a percentagem de alunos que frequentam vias de dupla certificação em novas áreas de crescimento económico;
- reduzir em 10% o abandono escolar precoce;
- aumentar ao fim de seis meses, para 80%, a taxa de empregabilidade dos jovens que concluem cursos profissionais.

Metas eixo adultos:

- 350 mil de certificados NB (ainda há 2 milhões de portugueses sem o NB);
- 300 mil certificados NS (ainda há 3 milhões de portugueses sem o NS);
- 200 horas de formação por cada certificado;
- reduzir de 50 para 25% o número de adultos que nos testes PIAAC obtém o nível 1 de desempenho e aumentar em 15% o número de adultos que atinge o nível 5 (*não tenho bem a certeza destes valores, dada a rapidez com que a informação estava a ser transmitida*).

3.4. Tarefas

- mobilizar novos públicos para aumentar as qualificações, em especial os mais resistentes: jovens com menos de 30 anos que não têm o nível secundário de educação, senhoras com mais de 50 anos, empregados e desempregados com baixas qualificações e empresários;
- atender à diversidade e estimular a procura de qualificações, promovendo a incorporação de novas competências no mundo do trabalho;
- cuidar da reputação da INO, mantendo a qualidade e o rigor;
- aumentar a visibilidade pública dos percursos de educação e formação, sobretudo recorrendo aos testemunhos dos adultos;
- acompanhar e apoiar os ex-adultos INO que queiram prosseguir estudos.

3.5. Dimensões da INO

3.5.1. Dimensão de regulação

- reforçar a dimensão estratégica dos Conselhos Sectoriais de Qualificação;
- produzir referenciais de certificação de competências profissionais para todas as qualificações constantes no CNQ;
- alargar o CNQ para a dupla certificação do eixo jovens;
- alargar o CNQ para a qualificação de populações específicas com incapacidades ou deficiências específicas;
- estender a operacionalização das UFCD a todos os níveis do CNQ, nomeadamente do ensino superior;
- remeter para os referenciais do CNQ os requisitos de qualificação das profissões regulamentadas.

3.5.2. Dimensão da inovação e da modernização

- transitar de um paradigma assente na transmissão de conhecimentos teóricos para um paradigma de desenvolvimentos de competências;
- agilizar os RVCC de adquiridos em contextos formais de certificação;
- promover a operacionalização das certificações parciais.

3.5.3. Dimensão da legibilidade

- permitir a comparabilidade entre os diferentes sistemas de educação de jovens e adultos e diferentes modalidades dentro de cada sistema.

3.6. Linhas de trabalho para a formação inicial e a formação ao longo da vida

3.6.1. Formação inicial de orientação predominantemente escolar

- processo RVCC NB e NS
- EFA escolar
- UFCD com acesso a certificações parciais
- DL n.º 357/2007, de 29 de Outubro (possível alargamento ao Decreto-Lei n.º 74/2004)

3.6.2. Formação inicial de orientação profissional

- RVCC profissional
- EFA tecnológicos
- UFCD com acesso a certificações parciais

3.6.3. Formação inicial de dupla certificação

- EFA
- CEF
- Cursos de Aprendizagem
- Cursos profissionais

3.6.4. Formação ao longo da vida

- competências básicas em literacia
- UFCD com acesso a certificações parciais
- apoio de candidatos ao ensino superior
- programas de apoio a empresários
- formação acção NO

3.6.5. Formação ao longo da vida de dupla certificação

- CET
- programas de reconversão para desempregados
- UFCD com acesso a certificações parciais

3.7. Reajustamentos na organização do sistema

- Criação de um sistema integrado de orientação, aconselhamento e encaminhamento (sob a responsabilidade dos CNO de escolas e de Centros de Formação Profissional).
- Definição do financiamento não a partir de patamares de metas, mas a partir de patamares de desempenho.
- Lançar redes locais de qualificação.

Gestão da formação e qualificação

